

FECHOS E PLACAS DE CINTURÃO, HALLSTÁTICOS, ENCONTRADOS EM PORTUGAL

Por

D. FERNANDO DE ALMEIDA

e

O. DA VEIGA FERREIRA

I — PREÂMBULO

Há uns anos, durante as escavações de um monumento megalítico tipo «tholos» na região de Ourique (Baixo Alentejo), encontrou um de nós no corte da mamoa que protegia o monumento, um fecho de cinturão de tipo hallstático; dele foi publicada uma fotografia ao ser estudado o espólio desse monumento pré-histórico⁽¹⁾.

Mais tarde verificámos que havia aparecido um outro fecho no Crasto de Tavarede (Figueira da Foz), ao estudarmos um trabalho de E. Quadrado,⁽²⁾ e que já tinha sido encontrado e estudado pelo ilustre arqueólogo figueirense Rocha⁽³⁾.

(1) Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique», *Revista de Guimarães*, Vol. LXXI, n.º 1-2, p. 5-12, Guimarães, 1961.

(2) E. Quadrado, «Broches de cinturón de placa romboidal en la Edad del hierro peninsular», *Zephyrus*, Vol. XII, p. 208 sq. Salamanca, 1961.

(3) A. dos Santos Rocha, «O Crasto (Tavarede)», *Portugália*, vol. 2, p. 502, Porto, 1905-1960.

Ao iniciarmos agora os trabalhos no Museu Nacional de Arqueologia, tivemos possibilidade de fazer a revisão dos fechos e placas de cinturão provenientes da necrópole de Alcácer do Sal^(*).

Devido à sua enorme importância, como elemento de cronologia para a época do Ferro, período de Hallstat, decidimos iniciar um estudo pormenorizado e comparativo desses elementos encontrados em Portugal.

II — DESCRIÇÃO DOS FECHOS

a) *Cerro do Gatão* (Ourique)

Fecho romboidal, em cobre, com um só gancho e duas grandes aberturas laterais, em hemicírculo. Toda a superfície é circundada por duas caneluras incisadas e paralelas. O interior é ornamentado por pequenos pontos em baixo relevo. Dois grandes botões redondos ornamentam o fecho, um de cada lado dos hemicírculos. Comp. 82 mm, larg. na parte superior — 17 mm, larg. na base — 50 mm.

Material que o acompanhava: apenas uma garra em ferro fixada numa placa de bronze.

b) *Craсто de Tavadede*

Fecho da mesma forma e tipo da do Cerro do Gatão (Ourique). A ornamentação é exactamente igual com a diferença de em vez de dois sulcos, ter três e um grande botão em vez de dois; é ainda ornamentado simplesmente por traços e covinhas. Tem cravado, pela face oposta, um gancho ou colchete em ferro. Comp. 92 mm, larg. na parte superior — 15 mm, larg. na base — 62 mm.

(*) As escavações continuam sob a égide do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Nas escavações de Vaíamonte foi encontrado um outro fecho, tipo Tavadede. Não o estudámos pois está inédito e pertence à colecção do Prof. Manuel Heleno.

*Material que acompanhava o fecho:**Cobre, bronze e ferro*

- Fíbulas de arco e mola
- Fíbulas anulares hispânicas
- Punhais com nervura central
- Argolas
- Pendentes em forma de sanguessugas (xorca)
- Braceletes
- Arrecadas
- Aneis espiralados
- Restos de torques (botões terminais)
- Lanças de alvado
- Facas ou adagas, etc.

Osso

- Alfinetes de cabelo (*Acus crinalis*)
- Agulhas
- Furadores

Pasta de vidro

- Contas de colar policromas
- Pingentes
- Vasilhas de vidro de influência púnico-fenícia

Cerâmica

- Vasos de tipo ibérico, pintados
- Vasos de tipo púnico-fenício
- Fusaiolas (*verticelli*) ornamentadas
- Pêsos de rêde
- Pêsos de tear, etc..

c) *Alcácer do Sal*

São dois os fechos do cemitério de Alcácer do Sal que ainda estão inéditos^(*). O primeiro tem dois olhais rematados do lado exterior por duas rodelaas com ornamentação interna circular e rebordo com incisões curvas, formando corôa. Por baixo dos olhais existe uma cercadura com o mesmo motivo ornamental do rebordo das rodelaas. Na parte superior dos ditos olhais há uma moldura sub-triangular; leva o mesmo desenho a ornamentá-la. A ponta termina por três ganchos ou colchetes.

Comp. 110 mm, larg. na parte superior — 40 mm, larg. na base — 88 mm, Comp. do gancho maior — 27 mm. Diâmetro das rodelaas: da maior, 15 mm × 14 mm; da menor, 11 mm × 11 mm. Dimensões de um dos olhais — 30 mm × 33 mm.

O segundo fecho tem também dois olhais, mas a forma é sub-retangular. No fecho há dois corpos: um, com os olhais e os rebites quadrados na base; o outro, recuado dos dois lados, tem na ponta três ganchos ou colchetes. É um fecho de cinturão muito simples e pobre em relação ao primeiro que demonstra obra mais apurada de artista, quer na forma, quer nos ornatos. Ambos os fechos são em bronze. Comp. 76 mm; larg. na base — 56 mm; larg. do corpo recuado que tem os ganchos — 27 mm. Dimensões do olhal — 14 mm × 16 mm.

(*) Os fechos que agora estudamos são diferentes do mencionado por Vergílio Correia. Este investigador dá o desenho de um fecho de três ganchos com respectiva fêmea proveniente da sepultura n.º 42 que não é nenhum dos que nós encontramos na vitrine do Museu de Belém. Este fecho está em Coimbra juntamente com outro espólio de Alcácer. Vergílio Correia indica as datas de 1874 ou 1875 e 1895 para as primeiras descobertas em Alcácer do Sal. Ele retomou as escavações em 1925. Segundo ainda Vergílio Correia os materiais estavam distribuídos pelos seguintes locais: Museu de Alcácer do Sal, os espólios provenientes de 1875 e 1895 (pensamos que estes materiais desapareceram). A maior parte da colecção, embora desfalcada por várias vicissitudes, encontra-se no Museu Nacional de Arqueologia, em Belém; a outra foi levada para Coimbra. Vergílio Correia estudou, além do fecho acima indicado, três placas que seriam para ligar aos fechos. Portanto, a organização dum cinturão nesta época era a seguinte: cabedal — placa — fecho macho — fêmea (normalmente em forma serpentiforme) — cabedal. Para o estudos dos trabalhos deste arqueólogo, vidé: Vergílio Correia, «Fechos de cinturão da necrópole de Alcácer do Sal». *Biblos*, Vol. I, págs. 319-326, Coimbra, 1925.

Vergílio Correia, «Uma conferência sobre a necrópole de Alcácer do Sal». *Biblos*, Vol. I, págs. 347-363, Coimbra, 1925.

*Material que acompanhava os fechos e placas:**Bronze*

- Argolas
- Fíbulas anulares hispánicas
- Fíbulas de pé
- Pendentes em forma de uma sanguessuga (elemento de uma xorca)
- Um anel com escaravelho de tipo egípcio

Ferro

- Falcatas
- Espadas de antenas
- Punhais-adagas
- Enxadas
- Machados
- Picos e Picões
- Freios de cavalo
- Correntes
- Restos de um escudo de combate
- Lanças de alvado
- Lanças com nervura central
- Uma roda de carro (possivelmente de um carro de combate)

Cerâmica

- Vasos e urnas de tipo ibérico
- Vasos de tipo grego, tardio, com cenas pintadas
- Vasos de barro negro, campaniense «tipo oxybaphon» etc.

III — COMPARAÇÃO E CRONOLOGIA

Os fechos de cinturão de Ourique e do Crasto (Tavarede) per-

tencem, segundo E. Quadrado^(*), ao tipo chamado de Acebuchal. Segundo Cabré^(†) podem genêricamente, ser descritos assim: sobreposição numa placa de bronze, recortada em várias folhas desse metal; estas, paralelamente entre si, ocupam todo o perímetro do exemplar em círculos concêntricos ou soltos, semicírculos e espirais, etc, fixados à dita placa com soldadura forte.

A distribuição deste tipo de fecho na Península Ibérica, que é em número bastante reduzido, é a seguinte: ao Sul do Tejo apenas são conhecidos os de Acebuchal (Carmona, Sevilha), o de Illora (Granada) e os restantes na bacia do Douro (Navarra, Aragão, Catalunha e Valência). Juntamos agora os nossos de Tavarede, na bacia do Mondego e Ourique, na bacia do Sado e ainda o de Vaiamonté.

Os materiais de Tavarede, com excepção das influências púnico-fenícias, podem situar-se na primeira Idade do Ferro do centro da Europa, na Cultura de Hallstat. O de Ourique, do mesmo tipo, não era acompanhado de material atípico.

E. Quadrado localiza a fivela do Crasto que é, segundo ele, como a de Griegos com gancho ou colchete alargado; talvez isso seja de maior antiguidade, no entanto contemporânea dos de Acebuchal e Tosal Redó que podem ser datadas do Sec. V a. C. O fecho de Ourique deverá pois ser da mesma época. Aproveitamos a ocasião para rectificar um lapso quando um de nós apresentou o fecho de Ourique pela primeira vez^(*). Disse-se então que era de tipo dos de Agullana quando, como se viu, é do tipo dos de Acebuchal e muito comparável ao do Crasto de Tavarede, bem datado.

No Languedoc vamos encontrar fechados de cinturão romboidais do mesmo tipo dos de Tavarede e de Ourique, embora com algumas pequenas diferenças na forma e nos ornatos. Podemos citar os de Cayla, de Maillac; necrópole de Grand Bassin II (Maillac-Aude);

(*) E. Quadrado, «Broches de cinturón... op... cit...?»

(†) J. Cabré, «El thymiaterion céltico de calaceite. *Arch. Esp. de Arq.*, n.º 48, Madrid, 1942.

(*) Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «Descoberta de jóis monumentos», op. cit.

necrópole de la Pave (Angeles) e necrópole de Fleury (Aude) que poderão ser datados entre 450-475 a. C. (*).

Os fechos de cinturão de dois ganchos ainda não são conhecidos em Portugal mas, como se deve tratar de um fecho contemporâneo dos de um gancho, citamos aqui os aparecidos na necrópole de Muralla a NE de Ampúrias e na necrópole céltica de Griegos. Aparecem também em Atalaya, em Crasto de Lara e em Grand Bassin II, nos túmulos franceses. Na Meseta e nas Astúrias existem fechos de cinturão duplos e justapostos de quatro e seis ganchos (Castro de Lara de los Infantes, Valdenovillos, Mercadera, Carabias etc.) e em Griegos (Teruel) Canizares (Cuenca) etc. (10).

Os fechos de Alcácer do Sal são de um tipo completamente diferente. Dataremos a primeira peça descrita, pois implicitamente a segunda ficará também datada uma vez que são da mesma época.

Estes tipos de fechos de Alcácer do Sal são bastante raros até ao presente, na Península Ibérica. Vemo-los citados na bibliografia hispânica nas necrópoles da Idade do Ferro de Buenache de Alarcón (Cuenca) (11), de Griegos (12), de Can Canys (Prov. de Tarragona) (13), etc.

Os fechos de três ganchos pertencem ao tipo B, segundo Bosch Gimpera, e este arqueólogo pensa que seriam próprios dos Castros e necrópoles castelhanas pos-hallstáticas dos fins do século IV, primeira metade do século III a. C. Apareceram em Anguillar de Anguita, Higes, Olmeda, Monteaguio de las Vicarias (Soria), Lara de los Infantes (Burgos). Seu raio de expansão assinalaria a influência de aquela

(*) M. Louis e O. e J. Taffanel, «Le premier âge du Fer languedocien», Bordighera, s. d.

(10) S. Vilaseca Anguera, J. M.ª Solé Caseles y Mané Güell, La Necropolis de Can Canys (Banyeres, Prov. de Tarragona) *Trabajos de prehistoria*, Madrid, 1936, pág. 31.

(11) Helena Losada Gomez, «La necrópolis de la Edad del Hierro de Buenache de Alarcón (Cuenca)», *Trab. de Prehistoria del Seminario de Historia Primitiva del Hombre*, Madrid, 1966, págs. 1-61.

(12) Martín Almargo, «La necrópolis céltica de Griegos», *Archivo Español de Arqueología*, Vol. 7, págs. 103-113, 9 fig., Madrid, 1942.

(13) S. Vilaseca Auguera, J. M.ª Solé Caselles y Mañé Güel, La necrópolis de Can Canys, op. cit., pág. 31.

cultura da Meseta na qual se conhecem exemplares de outras jazidas como os de Griegos (Teruel). La Atalaya de Cortes de Navarra e mais ao NO. (Palência).

No bordo oriental da Meseta há exemplares procedentes de sepulturas exploradas por Francisco Martinez, em Parajón, Fuente Lasespina, Santa Cruz de Moya e na necrópole de Canizares e, nesta mesma província, um exemplar de quatro ganchos.

Do litoral de Alicante citamos as de El Molar e Altea. Na Catalunha apontamos uma boa série de Gessera (Caseres), Cabrera de Mataró, Coll del Moro de Serra d'Almore, Parelada, Ullastret, Muralla, NE de Ampúrias, Can Canys ets.

Este género de fechos de cinturão tem paralelo idêntico com os de Corno de Lauzo que é incluído no tipo de fechos romboidais fora da Península com três ganchos ou colchetes. Podemos-lo de igual modo comparar com os da necrópole de Grand Bassin II (sepultura 14) que se podem datar, pela cerâmica grega que os acompanhava', um calix ático com figuras a negro de cerâmica negra (500-540 a. C.). Teríamos pois, para as peças de Alcácer, uma data que anda à volta do Séc. VI A. C.

A cerâmica que acompanha as peças de Alcácer pode ser datada entre os Séculos VI a IV a. C. Temos vasos de tipo grego com figuras a vermelho sobre fundo negro e cerâmica de verniz negro de «tipo campaniense». Por outro lado as fíbulas anulares hispânicas, as falcatas e as espadas de antenas são em grande abundância.

Em resumo os fechos de tipo hallstático de Portugal podem ser datados desde o século V a. C. (Tavarede e Ourique) ao século VI a. C. (Alcácer do Sal).

Este tipo de fecho nasceu em Hallstat e Sul da Baviera² desenvolveu-se durante o ferro hallstático (600-500 a. C.) chegando imediatamente ao Sul da França e Península Ibérica.

Tanto no Languedoc, como na Península se desenvolve o tipo alargado de um só gancho ou colchete que adquire dois ou três ganchos rapidamente.

Em relação a Portugal parece-nos lícito frisar que a vinda deste tipo de fecho teria sido por via marítima pois os achados feitos situam-se justamente, nas bacias do Sado e do Mondego..

Quando um dia se fizer o estudo pormenorizado dos espólios riquíssimos de Alcácer do Sal estamos certos que outros elementos de cronologia surgirão para confirmar as conclusões apresentadas nesta nota⁽¹⁴⁾.

*ALGUNS TRABALHOS FUNDAMENTAIS PARA O ESTUDO DESTES TIPO
DE FECHOS DE CINTURÃO*

A. Blanco Freijeiro, «Orientália» II, datos complementários para la cronología, secuencia de materiales en el Alto Guadalquivir, *Arch. Esp. de Arqueología*, vol. XXXIII, 1960.

M. Pellicer, «Un enterramiento posthallstático en Granada. VI Congreso Nacional de Arqueología, Oviedo, 1959.

J. Cabré Aguiló, «Broches de cinturón de bronce damasquinados con oro y plata», *Arch. Esp. de Arqueología*, Vol. 38, Madrid, 1937.

Marqués de Cerralbo, «La necrópolis ibéricas», *Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, T. II, Madrid, 1916.

George Bonsor, «Les colonies agricoles pré-romaines de la Vallée du Betis. *Rev. Archéologique*, T. XXXV, 1898.

Guilherme Schüle, «Las más antiguas figuras con pie alto y ballesta», *Trabajos de Prehistoria del Seminario de Historia primitiva del Hombre*, Madrid, 1961.

S. Vilaseca, «Coll. del Moro de Seara d'Almors (yacimiento posthallstática). *Inst. Est. Ibér.* I, Valencia, 1953, lam. IV, fig. 1 y 2 y fig. 15.

(14) O. e J. Traffanel, «Deux tombes de chefs à Maillac. *Galia* T. XVIII, Paris, 1960, págs. 1-37.

G. Kossack, «Subdayern Während der Hallstattzeit. Berlin, 1958.

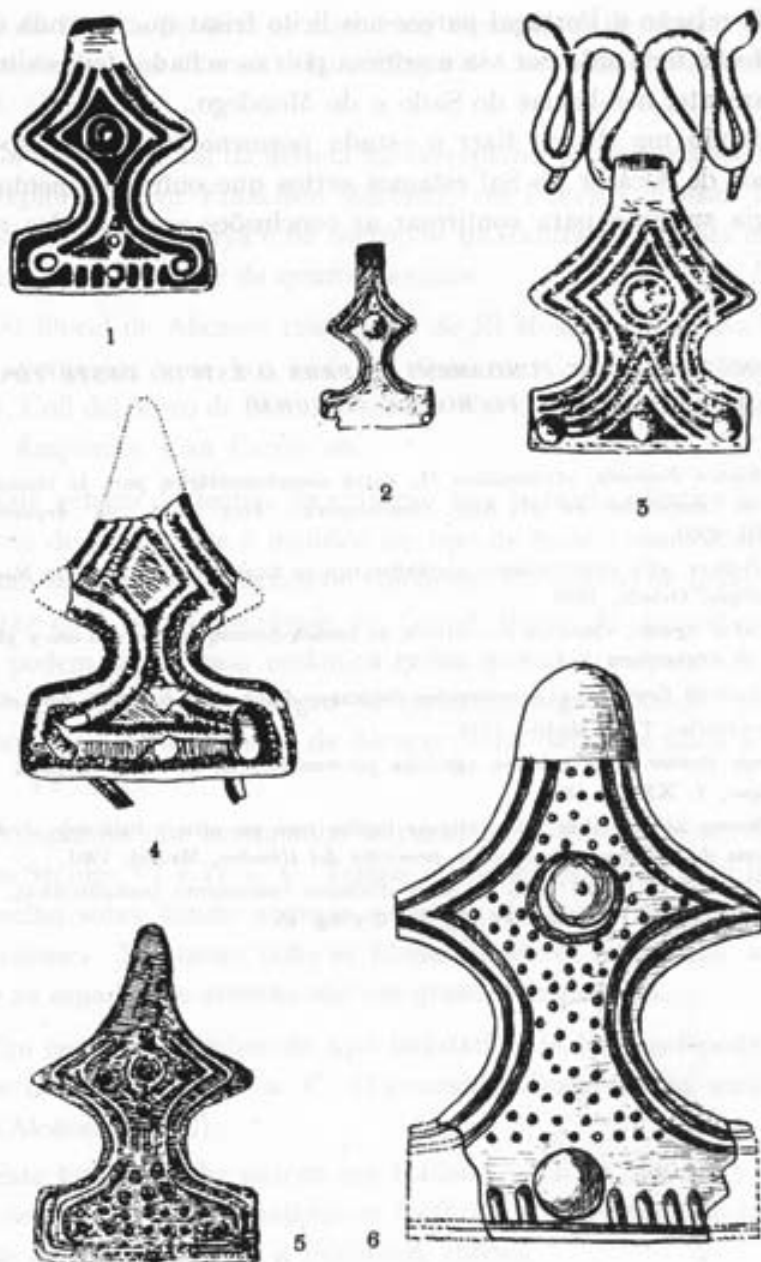


FIG. 1 — 1 - Clares (Guadalajara); 2 - San Antonio (Calaceite, Teruel); 3 - Acebuchal (Carmona, Sevilha); 4 - Griegos (Teruel); 5 - O Crasto (Tavarede-Figueira da Foz); 6 - Cérro do Gatião (Ourique-Baixo Alentejo). Todas as figuras estão em metade do tamanho, com excepção da n.º 6, que vai em tamanho natural.

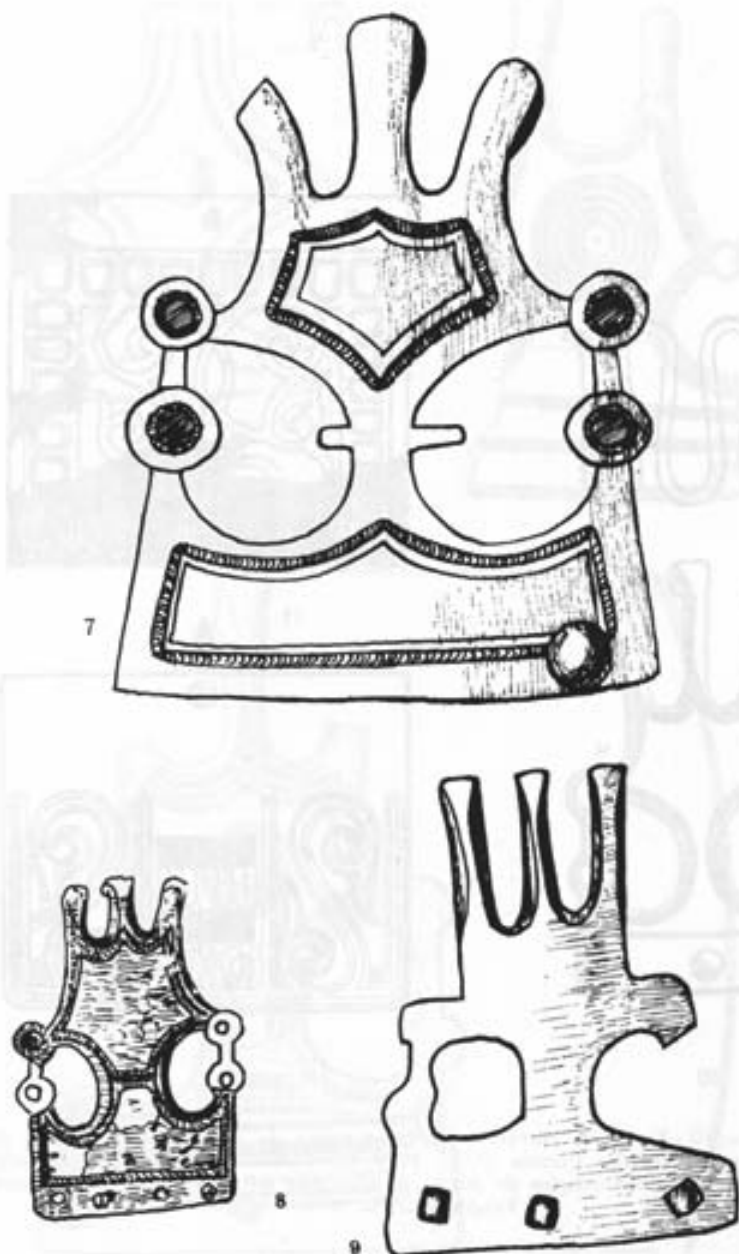


FIG. 2 — 7 e 9 - Necrópole de Alcácer do Sal (Museu Nacional de Arqueologia Dr. Leite de Vasconcellos) (1:1); - Corno Lauzo (Aude-Languedoc), 1:2 do tamanho natural.

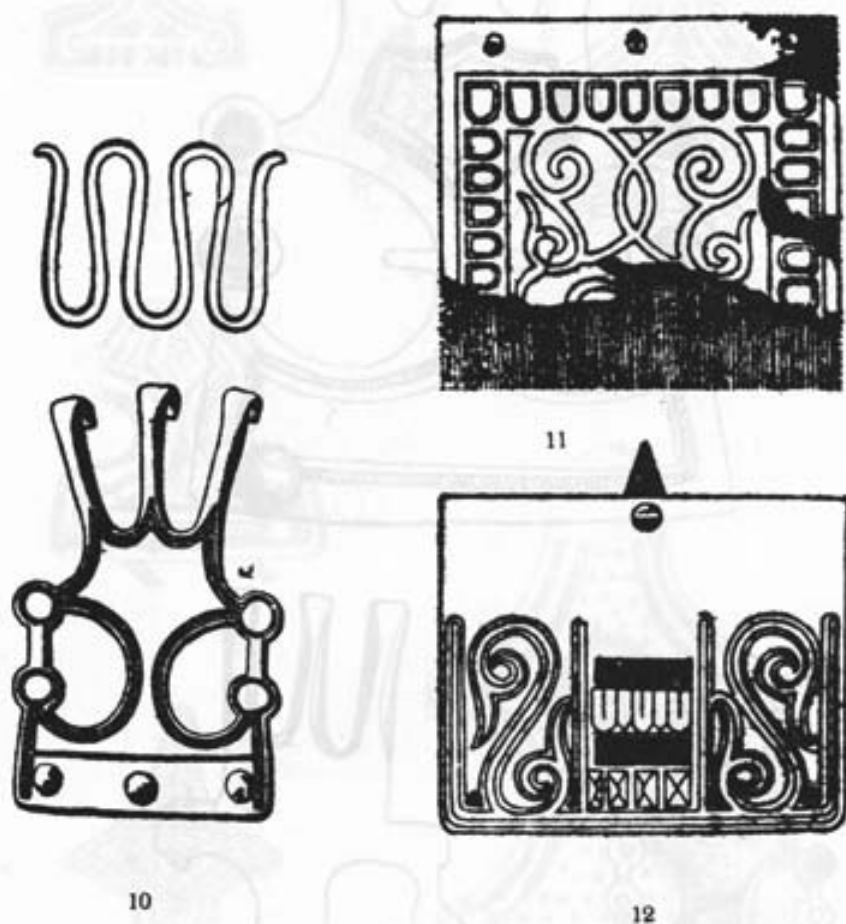


FIG. 3 — 10 - Fecho de cinturão, macho e fêmea da necrópole de Alcácer do Sal, segundo Vergílio Correia (1/2). 11 e 12 - Placas para fecho de cinturão em bronze com incrustações de prata, provenientes de Alcácer do Sal, segundo Vergílio Correia (1/2).

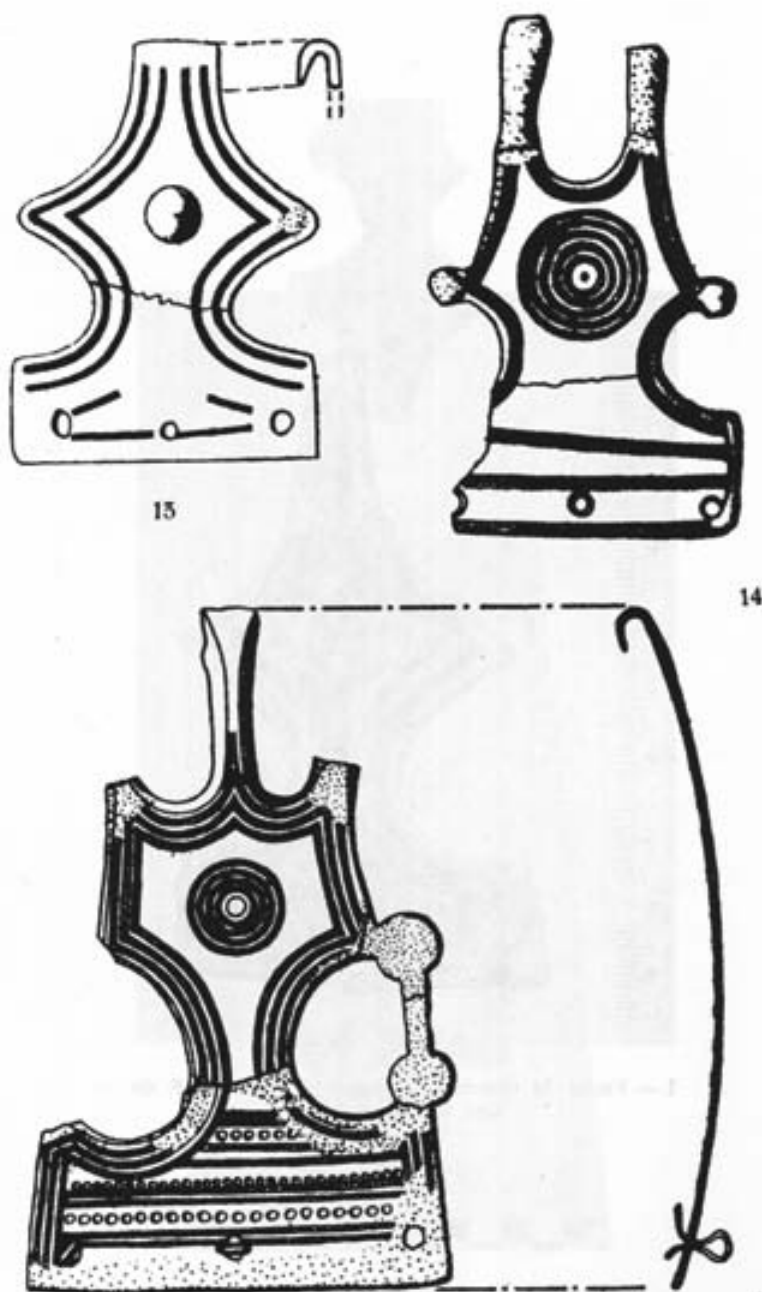


FIG. 4 — 13 - Fecho de cinturão com um gancho (necrópole de Can Canyis); 14 - Fecho de cinturão com dois ganchos (necrópole de Can Canyis); 15 - Fecho de cinturão com três ganchos (necrópole de Can Canyis). (Tamanho natural).



1 — Fecho de cinturão do Crasto (Tavarede). É do tipo de Acebuchal.



2 — Fecho do Cerro do Gatão (Ourique)
e os dois da necrópole de Alcácer do Sal.

